



## O QUIBUNGO E A REPRESENTAÇÃO DO MAL

Evanielle Freire LIMA

*Universidade Federal de Campina Grande – evaniellecg@hotmail.com*

Márcia TAVARES

*Universidade Federal de Campina Grande – tavares.ufcg@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo pretende analisar o aspecto maniqueísta na configuração dos personagens da Fada e do Quibungo, respectivamente vistos no conto de “Rapunzel”, escrito pelos irmãos Grimm e na adaptação de Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho: *Rapunzel e o Quibungo* (2012). Buscamos entender como esta adaptação projeta-se sob a realidade cultural brasileira e aproxima a leitura do livro ao seu público alvo – a criança. Investigaremos ainda uma possível representatividade sociocultural assumida pelo Quibungo, que pertencente à outra cultura mantém os traços egoístas da Fada, e pela própria Rapunzel negra, ainda frágil como no conto original.

**Palavras-chave:** Personagem, Quibungo, Rapunzel negra.

### Introdução

A literatura infantil surgiu em meados do século XVIII aliada ao desenrolar da concepção de criança que se tinha na época e esteve, na maioria dos casos, associada à Pedagogia, por isso, muito se confunde seu caráter artístico com sua função didático-pedagógica. Como apontam Zilberman e Magalhães (1984):

(...) a formulação do conceito atual de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão preservar a unidade do lar e, especificamente o lugar do jovem no meio social. (p. 4)

Quando a criança passou a ser considerada como diferente do adulto, com necessidades e características próprias, apresentou-se também uma perspectiva diferente da infância. Nesta, existia a necessidade de que a criança recebesse uma educação diferenciada, que a preparasse no que se refere a questões pedagógicas e morais para enfrentar a realidade da vida adulta.



Desta forma, a escrita de diversos contos de fadas cumpriu este objetivo ao apresentar, tradicionalmente, por exemplo, uma configuração maniqueísta em seus textos que visava demarcar de modo claro o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado e temido, como visto nas adaptações de contos de fadas de escritores conhecidos em todo o mundo, como os Irmãos Grimm, Perrault e Andersen, demonstrado através da mesma configuração tradicional de submissão e conformismo, com acréscimos no tocante a relações sociais e culturais.

O presente artigo busca explicar a respeito do aspecto maniqueísta, de uma possível representatividade sociocultural na composição do personagem e, da aproximação cultural entre a criança e as obras literárias, tendo como objeto de análise uma adaptação do conto “Rapunzel”, escrito pelos irmãos Grimm, intitulado *Rapunzel e o Quibungo* (2012) dos escritores brasileiros Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho.

## **A adoção do Maniqueísmo nas histórias infantis**

Antes de iniciarmos nossas considerações, precisamos compreender o termo maniqueísmo e como ele foi incorporado na literatura infantil.

O maniqueísmo surge como doutrina religiosa pregada por Maniqueu, no século III e.C. E apresenta como principal característica a concepção dualista do mundo fundamentado em dois princípios opostos: o bem e o mal. Posteriormente, a literatura infanto-juvenil adota o termo maniqueísmo para fazer referência ao dualismo *bem x mal* presente em diversas narrativas, principalmente, nos contos de fadas.

De um lado, sob a ótica do adulto, a adoção desta característica justifica-se pelo fato de que ensinar e doutrinar na sociedade do século XVIII eram sinônimos, propostos com o objetivo de dominação da criança como indivíduo a ser moldado para a vida adulta. Em muitos casos, contar histórias que envolvessem o fantástico fazia com que através do medo de seres maus, a obediência e a submissão fossem alcançadas. Por outro lado, se pensarmos a leitura de contos e outras narrativas na formação da criança como leitor e, mais ainda, como indivíduo atuante na sociedade, a compreendemos como “um meio de acesso ao real” (Zilberman e Magalhães, 1984). Tendo em vista que:

Uma história de aventuras ou um conto maravilhoso são válidos quando apresentam uma coerência interna (leis de possibilidades e necessidades) e coincidência com um



conceito de humanidade (lei da verossimilhança externa). (ZILBERMAN E MAGALHÃES, 1984, p. 17).

À medida que os contos de fadas criam situações e deixam lacunas para que o imaginário da criança atue, ela, a partir da verossimilhança externa, construirá relações importantes de questões que também surgirão na vida adulta.

Entretanto, a visão maniqueísta nas histórias pode construir no leitor em formação uma postura dualista, que quando não acompanhada de um senso crítico (pouco comum quando pensamos em crianças que estão formando sua personalidade) os move a tomar os personagens como essencialmente bons ou maus, sem considerar fatores e motivações que os fazem assumir determinados comportamentos em um enredo.

É desconsiderado, portanto, que os personagens podem ter características boas ou ruins. E, por conseguinte, acarretam influências para as concepções que se tem do real, concernente ao processo de identificação ou rejeição dessas características, já que os personagens “representam valores através dos quais a sociedade se constitui” (KHÉDE, 1990).

## **A construção do personagem nos contos de fadas**

Os personagens nas histórias da literatura infantil, como em qualquer outra vertente da literatura, exercem papéis fundamentais no que diz respeito à construção do enredo. Suas características estabelecem relações com um referente externo, ainda que o texto esteja fundamentado apenas sob eixos simbólicos. Sonia Salomão Khéde (1990) tece o seguinte comentário a respeito do personagem:

É o elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e acontecimentos da sequência narrativa, movimentando-se num tempo e num espaço específicos. (p. 9)

É importante lembrarmos que, é também característica dos contos de fadas tradicionais a presença de um narrador-observador que conduz as ações dos personagens para o leitor. E a formatação de contos lineares e fechados, que não apresentam a capacidade de mobilidade assim como ocorria nos moldes da sociedade da época em que as primeiras obras foram escritas.

Destacam-se, neste sentido, as princesas que, ao demonstrar extrema feminilidade são marcadas pela passividade, esta, também como reflexo da função social da mulher neste período da história. Transmite-se, nesse caso, a impressão de que cultivar características tidas como virtudes,



parafraçando Khéde (1990), premiaria a princesa (a menina ou a mulher) com um príncipe encantado (posto como homem perfeito).

(...) Príncipes e princesas são personagens mais predispostos às aventuras. Os primeiros desempenham papéis ativos, heroicos e transgressores, servindo, muitas vezes, como intermediários, num resgate. As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas mereceram, como prêmio o seu príncipe encantado. (KHÉDE, 1990, p.33)

Os príncipes, como aqueles que atuam de modo heroico por salvar a princesa – posta na maioria das vezes como objeto de desejo nas narrativas, retratam a posição superior do homem como aquele que é capa de agir para solucionar um conflito através da força, bem como da inteligência em prol de seus interesses, de sua família, ou simplesmente, de sua amada e frágil princesa.

As fadas compõem o maravilhoso na maioria das histórias europeias e, segundo Khéde (1990) “são sempre personagens que interferem no destino, favoravelmente”. E, as bruxas que servem para representar o mal e, normalmente, agem para punir ou castigar uma ação do personagem principal.

Entendemos a partir disso, a grande quantidade de estereótipos fortemente marcados que as histórias infantis produziram por meio de seus personagens, em função de uma sociedade alimentada por estes mesmos estereótipos a fim de determinar as relações de poder. Por isso, Khéde (1990) acredita que: “O que muda nos contos, em relação aos personagens, são os atributos, que nos permitem estabelecer relações histórico-culturais variáveis”.

Até aqui, apresentamos a configuração tradicional dos contos de fadas. Podemos ainda considerar, as contribuições obtidas por meio das adaptações que foram produzidas ao longo dos séculos, especialmente, quando discutimos sobre apropriação cultural e construção de identidade. Visto que, a literatura infantil:

(...) em termos gerais, ajuda as crianças, além de outras coisas, a construírem sua identidade. (CASTILHO, 2004)

Nos contos contemporâneos, observamos que a tradição de uma escrita baseada em estereótipos, comumente europeus, tem dado lugar a apresentação de outras culturas, como a cultura africana e brasileira, antes ofuscadas pela maciça dominação dos nossos colonizadores. O que, de fato, acrescenta para a formação da identidade sociocultural de nossas crianças que finalmente



passam a ter uma opção além das que se eram dadas: basear-se em parâmetros que nunca foram nossos. Conforme menciona Castilho ao citar a quase inexistência de negros em histórias infantis:

No entanto, nas análises literárias realizadas, percebe-se a existência de suas categorias de livros paradidáticos infanto-juvenis. Os primeiros, aqueles traduzidos ou adaptados de autores estrangeiros, tais como os Irmãos Grimm, Perrault, Andersen (...) que foram e continuam sendo as obras literárias mais lidas pelas crianças e as mais utilizadas nas escolas, silenciam quase que totalmente em relação aos negros. Nesses livros o personagem negro, assim como sua história e sua cultura, praticamente inexistem. Enquanto que, em relação ao branco, exaltam-se suas qualidades, belezas e cultura de maneira explícita, de forma a reforçar a ideologia da superioridade branca. (CASTILHO, 2004)

Quando a criança reconhece traços no personagem que a representam socialmente, ela fortalece o seu lugar na sociedade, aceita e legitima suas origens. Para exemplificar, é possível apontar nosso objeto de análise, o livro “Rapunzel e o Quibungo” que mesmo mantendo a configuração original dos contos de fadas, promoveu alteração na constituição dos personagens conforme veremos, posteriormente, na análise de dados. Essas alterações colaboram, como pondera Khéde (1990, p. 33) para a “desconstrução de estereótipos que aprisionem as atitudes comportamentais das crianças”.

As mudanças ocorrem desde o lugar onde a história ocorre, às características físicas dos personagens, e à composição do maravilhoso. Quanto a isso, especificamos a substituição das fadas e bruxas, por mitos ou lendas da região onde a obra foi adaptada. Como explica Khéde (1990), os mitos nas narrativas possuem um valor histórico e, mediado pelo imaginário, transmite valores individuais que corroboram na formação da personalidade do leitor.

Ao serem incorporadas nas adaptações de contos infantis, os mitos também favorecem a aproximação do leitor com seu público, de modo que, a lógica interna da história passa a fazer mais sentido por ser verossímil a aspectos da realidade cultural folclórica do país.

Partiremos agora para as considerações sobre o livro *Rapunzel e o Quibungo*, foram selecionados alguns trechos do livro para que fosse possível, por meio de uma análise comparativa, identificar o que pautamos em nossa fundamentação.

## **A história de *Rapunzel e o Quibungo***

Os autores, Cristina Agostinho nasceu em Ituiutaba – MG. Formou-se em Direito e Letras.



Tem nove livros publicados, cinco deles infanto-juvenis, que abordam temas realistas tais como desemprego, divórcio, preconceito, drogas, sexualidade, perdas e seus reflexos na criança e no adolescente. E, Ronaldo Simões Coelho é natural de Minas Gerais, psiquiatra e escritor com mais de 40 livros infanto-juvenis publicados.

Nesta análise, há alguns aspectos da obra *Rapunzel e o Quibungo* a serem destacados, que são o tempo, o espaço, narrador e o personagem. Quanto ao aspecto tempo, a narrativa pode ser considerada atemporal, o que pode ser comprovado logo no início do conto com o uso da forma “Há muito tempo” equivalente a tradicional forma “Era uma vez”. Todo o conto é retratado no estado da Bahia, especificamente na Lagoa do Abaeté. O narrador é o observador, mantendo seu foco em terceira pessoa. Os personagens que compõem o conto são ficcionais.

O livro *Rapunzel e o Quibungo*, adaptação de Ronaldo Simões Coelho e Cristina Agostinho, retrata a história de uma menina negra de sete anos de idade, chamada Rapunzel que vivia na Bahia e tinha como peculiaridade o seu canto e o seu longo cabelo. A narrativa menciona que certa vez, ao se distanciar dos seus pais para brincar às margens da lagoa do Abaeté, a linda menina foi raptada por um monstro, uma espécie de bicho-papão chamado Quibungo.

Na história, o Quibungo, temido por raptar e se alimentar de crianças que se afastam dos pais, não fez de Rapunzel sua refeição, mas a levou para uma alta torre de bambu e a obrigou por muitos anos a cantar para ele como punição. Até que um príncipe, curioso com o canto, descobre Rapunzel e salva do malvado Quibungo que, antes disso, empurra o príncipe da torre, cai junto com ele, e se despedaça no chão. O Quibungo desaparece para sempre. Rapunzel cura os ferimentos do príncipe com suas lágrimas, o livra da cegueira causada pelos espinhos nos quais caiu. E, por fim, Rapunzel e o Príncipe passam a viver juntos para sempre. Para iniciarmos nossa análise, destacamos o trecho em que Rapunzel é raptada pelo Quibungo:

“Quando viu aquele canto, o mostro ficou maravilhado, e zás! Raptou a menina. Ao contrário do que ele sempre faz, ele não comeu Rapunzel. Prendeu a menina em uma torre de bambu no alto de uma castanheira, e disse que dali em diante ela só podia cantar pra ele.”

Se pensarmos na representação de um personagem completamente mal, anularíamos o fado de que o Quibungo estar maravilhado com o canto de Rapunzel. O encantamento por Rapunzel e seu canto teria, ainda, motivado o Quibungo a não devorá-la, como no caso das outras crianças.

A escolha da lenda do Quibungo para compor o maravilhoso, também nos possibilita



enxergar um possível desejo de fortalecimento da cultura nacional por parte os autores. Esta, ainda permite a aproximação do livro ao leitor, já que a criança reconhece a existência concreta do Quibungo com seus correspondentes, como o bicho-papão, homem do saco, etc.

Pois, ao lermos “o Quibungo estava passando por lá. *Logo ele*, um papão malvado com um buraco enorme nas costas”, a expressão nos transmite a sensação de que poderia ser qualquer outra pessoa ou coisa, mas justamente o Quibungo, o bicho-papão apareceu. A relação torna-se mais estreita se a presença da Fada estivesse sido mantida, porque a maioria de nós conhecemos a história do bicho-papão, mas quanto às fadas, nós pouco sabemos a respeito de seus poderes mágicos e suas intenções.

No conto dos Grimm, a Fada retira a Rapunzel de seus pais como punição pelo roubo dos rapôncios (uma planta de raiz carnosa, semelhante ao rabanete): “Está bem, então vou deixar você levar quantos rapôncios quiser, contanto que me entregue a criança que sua mulher carrega com ela”. (p. 74) Quando enganada, a Fada cortou o cabelo de Rapunzel também como forma de punição como lemos no trecho: “Ah, menina maldita, o que eu sou obrigada a ouvir, disse a fada fora de si”. Entretanto, segundo Khéde (1990), as fadas são sempre personagens que acabam interferindo no destino, favoravelmente. Desta forma, até que ponto a Fada pode ser considerada boa?esta

No conto original, a mãe de Rapunzel deseja os rapôncios do jardim da Fada. Já na adaptação, a própria Rapunzel se encantou por um cesto de frutas deliciosas, entre elas o coco, cupuaçu, cajá, umbu e graviola, que a fizeram esquecer as ameaças do Quibungo. A escolha das frutas típicas aproxima a leitura e permite o reconhecimento dos elementos que o livro apresenta como pertencentes da realidade das crianças brasileiras.

A construção do personagem de Rapunzel na adaptação dos autores brasileiros ocorre, em quase sua totalidade por meio de ilustrações do livro. Nestas, Rapunzel é negra e tem o cabelo enrolado, assim como o Príncipe Dakarai que também é negro. Desta forma, embora os autores não façam do racismo seu tema central, eles não silenciam a presença maciça dos negros na sociedade brasileira.

## Considerações Finais



Embora a adaptação tenha sido produzida dentro dos padrões da narrativa dos contos de fadas tradicionais, e demonstre em vários pontos a necessidade de transmissão de valores, *Rapunzel e o Quibungo* (2012) apresenta o grande avanço no que se refere à aproximação do livro ao público brasileiro infantil por auxiliar no reconhecimento da identidade da cultura nacional e do próprio indivíduo com os personagens.

## Referências

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CUNHA, Ma. A. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. 4 ed. São Paulo: Àtica, 1985.
- CASTILHO, Suely. A representação do negro na literatura: novas perspectivas. In: *Olhar de professor*. Ponta Grossa, 2004.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.
- KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2 ed. São Paulo: Àtica, 1990.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas de literatura infantil*. 2 ed. São Paulo: Summus, 1979.
- PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa. *Literatura infantil: voz de criança*. São Paulo: Àtica, 1986.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- ZILBERMAN, R; MAGALHÃES, L. Cadermatori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2 ed. São Paulo: Àtica, 1984. \_\_\_\_\_. (org) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.